

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME XIII

Ademir Pascale
organizador

“Instantes que se tornam
eternos.”

Conexão Literatura



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-07957-7

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- ALTAR PARTICULAR, POR ADRIANA MARQUES, PÁG. 05
O ANO QUE NÃO QUIS ACABAR, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 08
FUI JOVEM, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 11
VERSOS DISPERSOS, POR ANCHIETA SILVEIRA, PÁG. 13
IDOS VIVIDOS, POR ANCHIETA SILVEIRA, PÁG. 15
DURAÇÃO, POR AURÉLIO HÍPICO, PÁG. 17
A MENINA DA SAIA RODADA, POR CHRISLEI RESENDE COSTA, PÁG. 20
MIRAGEM DO MOVIMENTO, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 22
O PRESENTE SE FAZ PRESENTE, POR EDSON LUIZ DA SILVA BRIATO, PÁG. 24
ANIVERSÁRIO, POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI, PÁG. 26
RELÓGIO, POR LUÍS HENRIQUE BOSCATO, PÁG. 30
SÚPLICA DE AMOR AO TEMPO, POR MAFRA SOUZA, PÁG. 32
ENTRE A LUA E O TEMPO, POR MAFRA SOUZA, PÁG. 34
PASSAGENS, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 36
RELATIVIDADE, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 38
TEMPO DE VIDA, POR MAURICIO VIDAL DE CARVALHO, PÁG. 40
CONTAGEM REGRESSIVA, POR MAYARA BRUNNER, PÁG. 42
A AMPULHETA, POR PATRÍCIA SÁ MOURA, PÁG. 45
AMPULHETA QUEBRADA, POR PATRÍCIA SÁ MOURA, PÁG. 47
A VIDA E O TEMPO, POR RAQUEL XAVIER DA ROCHA, PÁG. 49
50 ANOS, POR REGINA PRIETO, PÁG. 51
POEMA PARA UMA AMIGA PRECIOSA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 53
CANÇÃO PARA ELZA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 55
O NAVEGANTE DAS ALMAS, POR SHEILA SACKS, PÁG. 57
MAIS EU NO TEMPO, POR **Sophién**, PÁG. 60
O TEMPO EM MIM, POR **Sophién**, PÁG. 65
O DIA EM QUE O TEMPO MUDOU DE DIREÇÃO, POR **Sophién**, PÁG. 68
NO TEMPO, POR TARCÍSIO PÁDUA, PÁG. 72
MEU TEMPO, POR VÍCTOR EVANGELISTA, PÁG. 74
O MENINO QUE NÃO CABIA, POR ZÉL MORAES, PÁG. 76
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 81

POEMAS
SOBRE O
TEMPO

VOLUME XIII

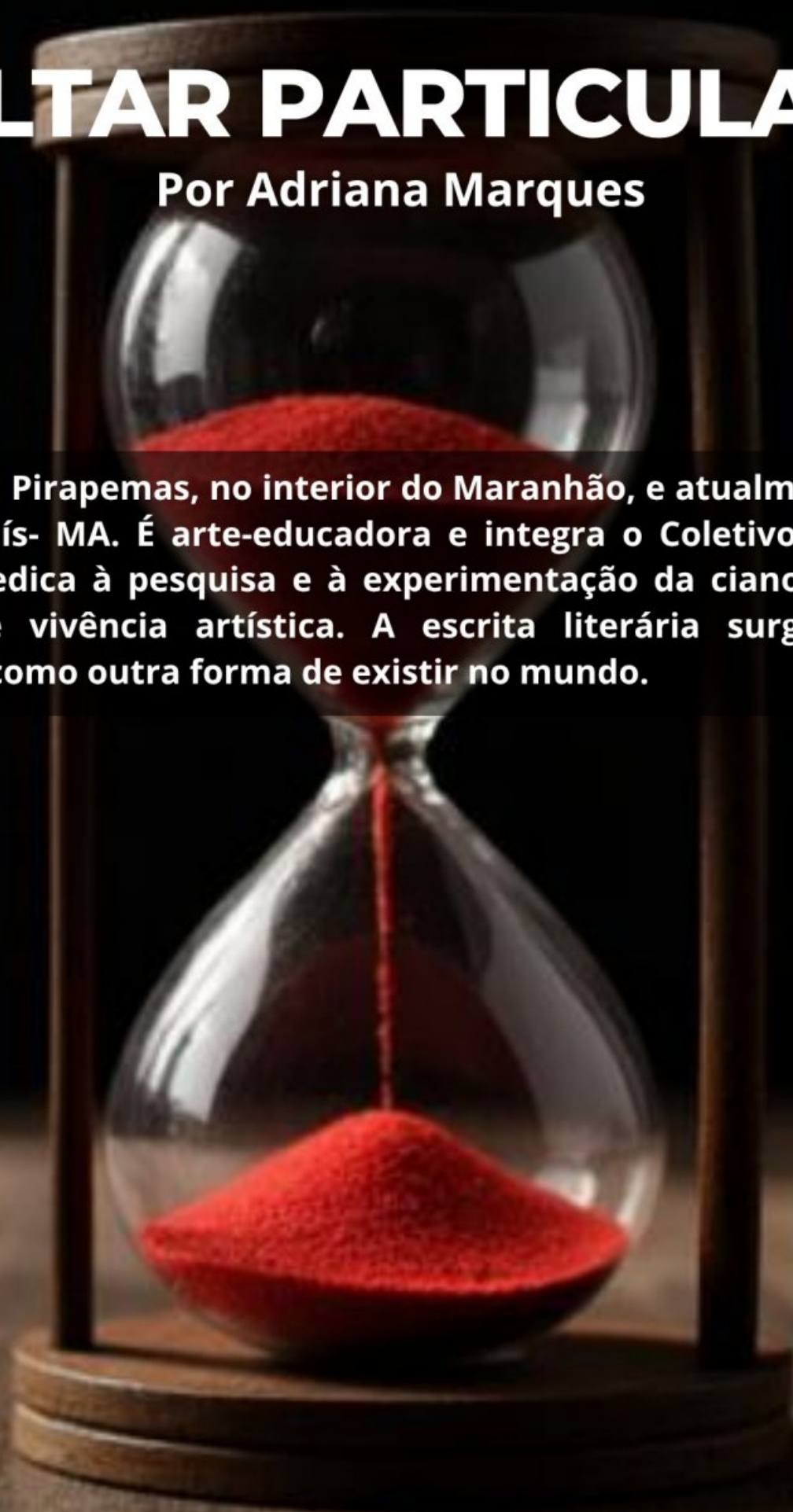
Ademir Pascale
organizador

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ALTAR PARTICULAR

Por Adriana Marques

Nasceu em Pirapemas, no interior do Maranhão, e atualmente reside em São Luís- MA. É arte-educadora e integra o Coletivo Artesania, onde se dedica à pesquisa e à experimentação da cianotipia como prática de vivência artística. A escrita literária surge em sua trajetória como outra forma de existir no mundo.



Na dança cósmica do ano vindouro
Uma nova cosmologia se apresenta
Será regido
Pela força do mago
Que exige coragem
Pela natureza cíclica da roda da fortuna
Que provoca mudanças
Imprevisíveis no destino
Pelo Arcanjo Miguel
Que traz luz e clareza

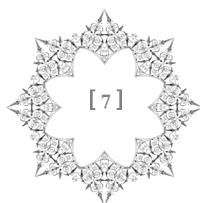
O que esses arquétipos representam de concreto?
Não sei!
Aos que acreditam servem como uma bússola

O que se apresenta para mim
É um tempo de renovar pedidos
Em igrejas
Em terreiros
Em bares

Eu prefiro o quintal de casa
Onde posso erguer meu altar

Sem flores
Sem Santos
Sem incensos
Sem pedidos a Deus
Sem oferendas aos orixás
Sem pressa
Sem culpa
Sem planos

Incrédula que sou
Escolho vestir minha alma e meu corpo
E pôr em meu altar
A cor que rege esse tempo de começos
Azul
Não o azul dos ritos
Mas o que permeia o cotidiano
No mar
No céu
Na arte



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O ANO QUE NÃO QUIS ACABAR

Por Alexandre Monteiro

Alexandre Monteiro é arquiteto graduado pela UFRJ, artista visual, especialista em História da Arte pela UCAM (RJ), professor do curso de graduação em Design da UCAM (RJ) e mestrando em Sociologia Política pelo IUPERJ.

Ao fim de dezembro
De um ano vulgar,
Em tarde sem brilho,
Nem triste nem bela,
O ano decide
Não mais terminar.

A Terra que gira
Em torno de si e
Em torno do Sol
Se opõe a girar.

Que Newton diria
Da força invisível
Que une planetas,
Que busca cometas,
Não mais atuar?

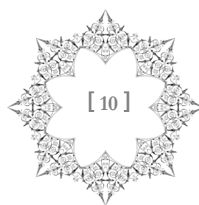
Que Einstein diria
De tal rebeldia?
Vendo a teoria
Se desmoronar.

Os doutos doutores
São improdutivos
Ao raro propósito
Querer explicar.

A filosofia
Por vários caminhos
O fato especula e
Se perde no ar.

Um ano que agora
Sem mais Carnavais,
Nem Páscoas, Natais,
Prossegue a deriva
Sem nunca aportar.

E tudo que possa
Na Terra existir,
E tudo que venha
a se repetir –
As pragas do Egito,
O incêndio dos maias,
O choro holocástico,
A queda das torres –
Num tempo sem tempo,
Fadado a voltar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

FUI JOVEM

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Mágoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence

2025; Homenagem por mérito O Prêmio Afro events Luxemburgo

Nos encantos das ruas vive a felicidade
Senti o calafrio da cadeia sem lá estar
Senti o calor da máfia e a ameaça sem a ver
Em saquinhos de bobo, mas que barbaridade

Riscos corri sem imaginar um fim trágico
Drogas engoli, fugindo das autoridades
Dinheiro gastei, ganho sem dificuldades
Parei e aceitei o envelhecimento paraplégico

Não vi o tempo passar, ainda me sinto bebê
Sei que os músculos já não eram o que eram
Já não me levanto da mesma forma, sem amparo

As minhas memórias continuam lúcidas
Forças já não tenho, mas me lembro das quedas
Das feridas do futebol e do primeiro beijinho



A P R E S E N T A M O S

VERSOS DISPERSOS

Por Anchieta Silveira

Anchieta Silveira é jornalista formado e poeta inconformado. Crítico das injustiças sociais e dos insanos que nos governam. Andarilho solitário, amigo do silêncio e da brisa, cultuador da natureza intocada, apreciador dos dias cinzentos e das madrugadas ensolaradas... Em síntese: alguém que pensa, divaga e destoa.



O que faço não são poemas.
São frases vãs,
que voam e não vingam.

Impressões imprecisas,
que não precisam
ser impressas.

Versos que vagueiam,
vozes que não ecoam...

Vivências expressas
que se dispersam...

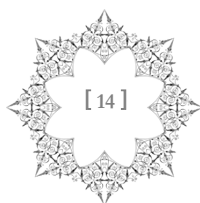
Sensações vagas
que se dissipam...

Pensamentos desencontrados.
Sentimentos despedaçados.

De um presente que insiste
em se ausentar.

De um passado que teima
em não passar.

De um porvir que nunca
vai chegar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

IDOS VIVIDOS

Por Anchieta Silveira



Anchieta Silveira é jornalista formado e poeta inconformado. Crítico das injustiças sociais e dos insanos que nos governam. Andarilho solitário, amigo do silêncio e da brisa, cultuador da natureza intocada, apreciador dos dias cinzentos e das madrugadas ensolaradas... Em síntese: alguém que pensa, divaga e destoa.



É sempre bom ver o dia seguinte
nos olhos do passado distante.

Mirar o hoje de balde.

Rir do momento bom
que só o que foi pode dizer.

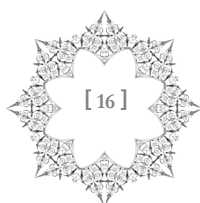
E derramar-se, pensativo,
em meio a nuvens de saudade,
na beleza do ido.

O futuro pouco importa!
Ele não é.

Quando chega, já é presente.

Só o passado pode contar histórias de vida.
Justificar as desculpas do hoje.
E remar soberano no éter da imaginação.

Um brinde a quem tornou o agora significativo!

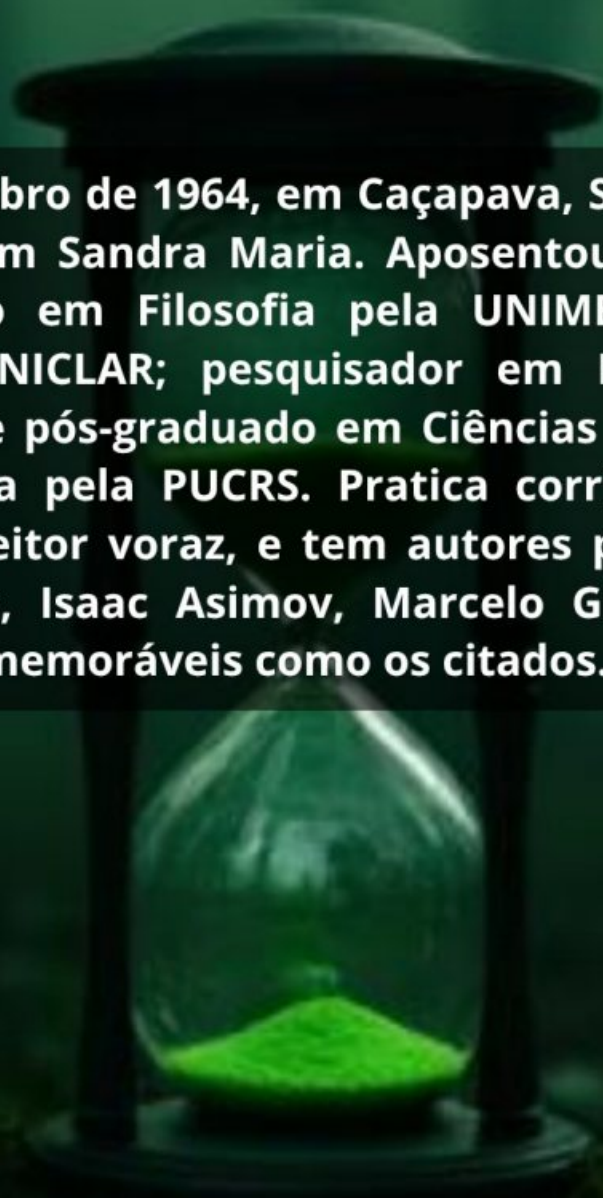


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

DURAÇÃO

Por Aurélio Hípico

Nascido em dezembro de 1964, em Caçapava, São Paulo, Wilson Lara Junior casou-se com Sandra Maria. Aposentou-se no ITA- DCTA em 2025. É licenciado em Filosofia pela UNIMES; pós-graduado em Sociologia pela UNICLAR; pesquisador em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter e pós-graduado em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela PUCRS. Pratica corridas a pé de médias distâncias. É um leitor voraz, e tem autores preferidos Carl Sagan, Machado de Assis, Isaac Asimov, Marcelo Gleiser, Victor Hugo e alguns outros tão memoráveis como os citados.



Quando algo se desloca,
É por que está onde não estava,
E estará onde não se coloca.

Quem observa o fenômeno atento,
Mede aquilo que mudou,
No espaço e na demora do movimento.

Sabido e marcado o ponto da saída;
Conhecido um lugar momentâneo,
Com a régua têm-se a distância percorrida.

Com simples metrônomo, da mesma forma,
Tirando o início do fim do ocorrido,
O espectador do prazo se informa.

A unidade da medida,
Varia com a extensão,
A escolha é presumida.

Se lento ou rápido para o mundo,
O fator escolhido para o ajuste,
Se pauta sempre no segundo.

A álgebra relaciona com ardileza,
A distância com a detença.
A razão é conhecida pelo nome ligeireza.

Tem-se aí uma visão mecânica.
Outras áreas o mesmo estudam,
Com abordagem menos orgânica.

Para o estudo do movimento,
Se sobre o tempo não souber,
O físico não terá discernimento.

De Hipona, um clérigo famoso,
Colaborou no entendimento,
Do assunto misterioso.

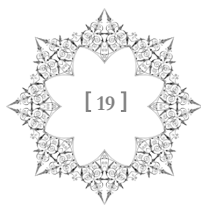
Com prelúdio perspicaz Agostinho resumia,
Que do tempo, ao mesmo tempo, ser sabido,
Nada dele responder conseguiria.

O mais sábio dos ascetas sobre o tempo discorreu,
Das espécies, qual se mede e o eterno.
No deleite do estudo só um instante transcorreu.

O estoico diria sem demora,
Que o que vivi na leitura,
Foi o gozo do aqui e do agora.

Desprezei o futuro, o passado se perdeu,
Com mensagem de cristão,
O tempo de Deus um descrente conheceu.

Quanto ao durar, é motivo de litígio,
Para o soturno a vida é longa,
Para o contente é só vestígio.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A MENINA DA SAIA RODADA

Por Chislei Resende Costa

Chislei Resende Costa é dentista, professora e livre-pensadora. Casada e mãe de 3 filhos, mora em Saquarema, cidade no estado do Rio de Janeiro. Gosta de ler, de admirar a natureza e de estar com os filhos. De mente inquieta, sempre em busca de conhecimento, fez Mestrado em Telessaúde e Saúde Digital pela UERJ e, como apreciadora do desenvolvimento pessoal, é pós-graduanda em Neurociência aplicada à performance e produtividade, com o objetivo de ensinar sustentabilidade profissional voltada aos profissionais de saúde.

Menina da saia rodada, que canta, que dança, que encanta! Me ensina, fascina, fascina meus pensamentos

Menina da saia rodada! Roda, roda!

Com sua saia branca rendada, nos campos, nos montes, na areia da praia

Vibra, transforma, cativa meus sentimentos. Profanos, mundanos.

Ah! Humanos

Quão belos não eram teus gestos, teus passos, teus laços que prendem até hoje minhas lembranças

Menina, criança, esperança. Cantava, dançava, rodava aonde quer que fosse. Ah! Que saudades

do teu frescor primaveril

Dos teus sonhos, dos teus planos, dos meus anos

Que não vi passar

Menina, menina. Onde você está? Na brisa, no sol, na nuvem

ou no fundo do mar? Escondida, perdida, armada e aflita por se libertar.

Roda, roda e aviva a minha vida

bandida, banida dos teus encantos. Volta!

Volta menina e aquece meus dias agora tão frios

sombrios de tanto pesar.

Traga para mim novamente um sentido.

Tuas palavras, tua música, teus sorrisos, flores

a enfeitar o dia, a causar alegria aonde teimasse chegar.

Volta menina!

Mas não nas minhas lembranças. Porque insiste em me torturar?

Já não trago em mim

as forças que preciso para me deleitar.

Volta menina!

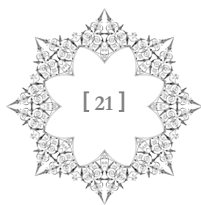
Rodopia, fascina e transforma os dias, a vida, o mundo.

Volta, mas em outras crianças, esperanças,

Volta das entranhas dos homens onde Deus, sabiamente, te faz germinar:

Vida!

Me dá uma segunda chance, me permita voltar!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MIRAGEM DO MOVIMENTO

Por Cisterna de Luzes

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

A onda da vaga do vazio... ela se repulsa ao mobilismo, ela é tal ela, força e caudilhismo.

Ela, mar, tua e minha, onda rainha...

Ela se equilibra no momento do instante... Ele olha, ela se olha, ela se olha, ela pulsa, ela se repulsa...

É o vazio da eternidade. . . o tempo é o instante da perpetuidade.

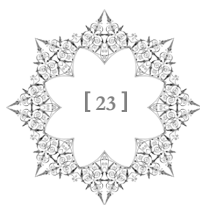
Ela, no ar, ela se amolda... Ela não se isola.

Depois, ela quebra, ela se quebra...

Ora instantes de amoldamentos? Que eficácia de vazio de momentos?

Eu, ela, eu ela, a onda e a maromba...

Repleto de mim, miragens do movimento.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O PRESENTE SE FAZ PRESENTE

Por Edson Luiz da Silva Briato

Edson Luiz da Silva Briato é licenciado em História, com especialização em Educação pela Pesquisa. Natural de Campo Bom, Rio Grande do Sul, o autor é um entusiasta da literatura e da poesia, tendo a polonesa Wisława Szymborska como sua poeta de maior inspiração e predileção.

Apressamos o passo para correr das nossas origens,

Fugimos de convites enquanto a vida escapa,

Dizemos que queremos viver plenamente,

Mas fazemos tudo correndo no presente.

Quanta ironia:

Tudo o que temos é o tempo, mas, ao mesmo tempo, nem tempo temos.

Vou fazer um bolo de cenoura com cobertura de chocolate

E um café

E vou sentar na frente de casa

Degustando meus dotes culinários

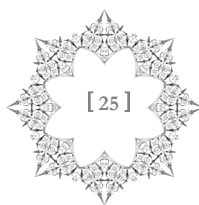
Farei o que minha vó fazia

E farei o que quero fazer

Depois

E depois

E depois.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ANIVERSÁRIO

Por Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação, Neuropsicopedagoga e Doutora em Ciências da Linguagem, atuou como docente da Educação Básica ao Ensino Superior, e como coordenadora pedagógica e administrativa em escola pública, além de voluntária em escola filantrópica e em função administrativa em setores públicos municipal e federal. Apaixonada por histórias, assídua leitora e cinéfila, desde criança rascunha ideias literárias. Pedagoga pelo Estado de Pernambuco, atua como Analista em Gestão Educacional, além de parecerista e autora acadêmica, membro de grupo do CNPq e grupo literário de sua cidade natal.

A alegria acordou e correu para a festa
Sem ela não tem graça
E nada (re)começa

O sapatinho de boneca
E os bracinhos estendidos
Buscando a brincadeira
E o som bem divertido

Era dia de encontro
Vestido de tule engomado
Primeiros passos, risos
E um forte e grande abraço

Abraço de mãe
Abraço de avós
Abraço de pai
Família, um sol
Que aquece e engrandece a alegria que amanhece
Para mais um ciclo, ao cantar do rouxinol

Tanto colorido, com as bolas de soprar
Cachos arrumados em diversão para somar
Cascatas em dezenas na cortina a enfeitar
Para que a alegria, por todo o dia, pudesse se alegrar

Garrafinhas de guaraná
Sacolinhas a ornamentar
Salgadinhos pra desfrutar
E docinhos a chamar
Tudo ao redor de um imenso bolo
Todo confeitado para homenagear

Laço de fita
Cinto de laço
Cada laço um abraço
E o sorriso a tilintar
Da alegria a brilhar
Linda e solar

(Não deixem a alegria desalegrar
Cuidem dela, não a deixem chorar
Entendam a alegria em seu caminhar
Caminhem com ela, brilhem ao deixa-la brilhar)

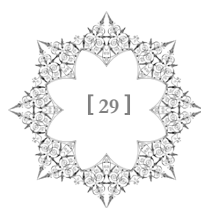
Na festa
Quadros de vó com paisagens
Plantas na sala, palmeiras, caqueiras...
Tudo a decorar
No aconchego do lar escolhido
Em doce carinho para o aniversariar

Convidados, laços
Pouco a pouco a chegar
Aumentando todo o tamanho da sala de estar
A casa ia crescendo
Em cada sorriso que se aproximava
Um brinquedo, uma surpresa
E o melhor: a presença que iluminava

Brincadeiras
Cantoria
Risos e gargalhadas
Uma folia
Muita música
Desde o céu da alvorada

Os parabéns e o pedido
Para apagar a velinha
E o primeiro pedaço do bolo foi para a voinha
Bolo que aproxima, encanta a celebração
Doçura que agrada em grande proporção

A alegria aniversariou
Com seu laço de fita
Tão bonita, “na estica”
Clareou e iluminou
Com o sol que recebeu
Do amor que a celebrou.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

RELÓGIO

Por Luís Henrique Boscato

Natural de Nova Bassano-RS, recomeçou a escrever e participar de concursos literários há cerca de um ano. Escreve desde 1984, mas nunca publicou livros. Até o momento, têm publicados, selecionados em coletâneas, o seguinte: 1º) Contos: "Piro!", pela Editora Persona, em livro físico; "Carnaval dos Sonhos", pela Revista Conexão Literatura, em livro digital; "Destruição", pela Revista Arquétipo, a ser lançado - 2º) Poema: "Odeio!(?)", pela Revista Arquétipo, a ser lançado.



Minha

Agora

Restam

Como

Anteriores

Talvez

Isso

Contando

Hora

Oprime

Rastros

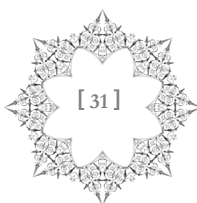
Aqueles

Somente

Tudo

Acabe

Ciclos



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SÚPLICA DE AMOR AO TEMPO

Por Mafra Souza

Escritora, psicanalista, pedagoga e arte-educadora com formação em arteterapia. Trabalhou em programas socioculturais nas áreas de planejamento, gestão de pessoas e de projetos. Escreve ficção, crônicas e poesias.

Olhar no horizonte inexistente,
pensamento tumultuado -
a razão supera agitação
de um tempo já passado.

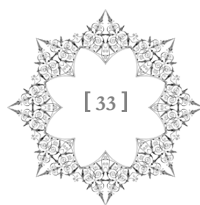
Onde estavas, meu tempo,
que não te vi passar?
Silenciosamente vagas,
e eu, distraidamente, sempre a te procurar
para, enfim, muito te amar.

Não me digas adeus,
contigo sempre quero estar.
Espera-me, por favor,
não ouses me abandonar.

Em qualquer lugar,
além de flor
dar-te-ei muito valor.

Fica comigo –
para que juntos permaneçamos,
e eu te louve com o calor
do meu existir.

Fora de ti, nada sou;
impossível resistir:
por ti,
morrerei de amor.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ENTRE A LUA E O TEMPO

Por Mafra Souza

Escritora, psicanalista, pedagoga e arte-educadora com formação em arteterapia. Trabalhou em programas socioculturais nas áreas de planejamento, gestão de pessoas e de projetos. Escreve ficção, crônicas e poesias.

É noite.

Em uma espaçonave sigo em direção à lua -
cheia, revelando-se
na profunda imensidão.

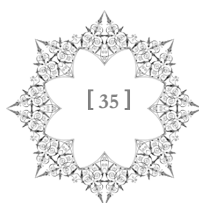
No espaço do tempo,
delimito a mente,
sem preocupação com o coração.

A figura dourada
é a luz essencial,
enquanto o tempo prossegue em rota,
sem contramão.

Na noite escura,
quem se ausenta?
Não é o tempo implacável, sempre presente,
que nada promete a alguém,
muito menos, se inclina aos sonhos
de um simples vivente.

Encantadora e quase dourada,
a lua envolve minha imaginação.
A viagem é fantasia -
mas o tempo
rigoroso e indiferente é o mais fiel presente.

E, diante das maravilhas da noite enluarada,
nada me resta fazer,
se na teia de cada amanhecer,
a vida e o tempo não me outorgassem
autorização para viver.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PASSAGENS

Por Marília Vasconcelos Rodrigues

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



O tempo passa...

A criança vira lembrança
pequena grande hora
infância que dança
com o futuro do agora.

O adulto vira passado
de uma breve hora
relógio engrenado e trabalhado
para o presente de outrora.

O idoso vira legado
na pausada hora
o sopro certo e esperado
do passado que não demora.

O tempo passa...

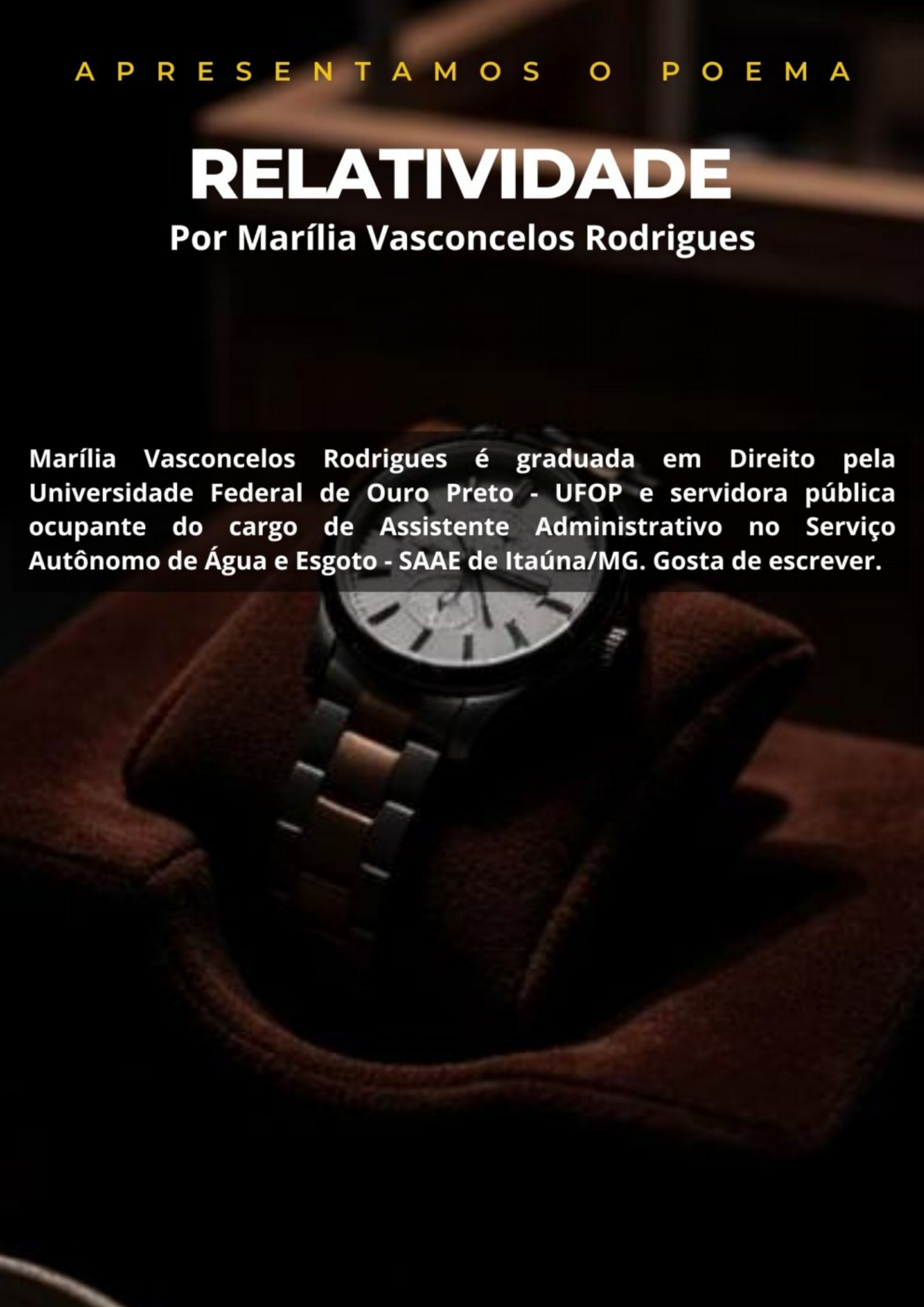


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

RELATIVIDADE

Por Marília Vasconcelos Rodrigues

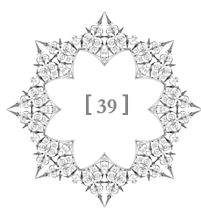
Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



O tempo se vai arrastado
com tudo parado
devagar e sem graça
a hora vira fumaça.

O tempo se vai apressado
com tudo agitado
ligeiro e em movimento
o dia vira momento.

Não era o mesmo tempo?

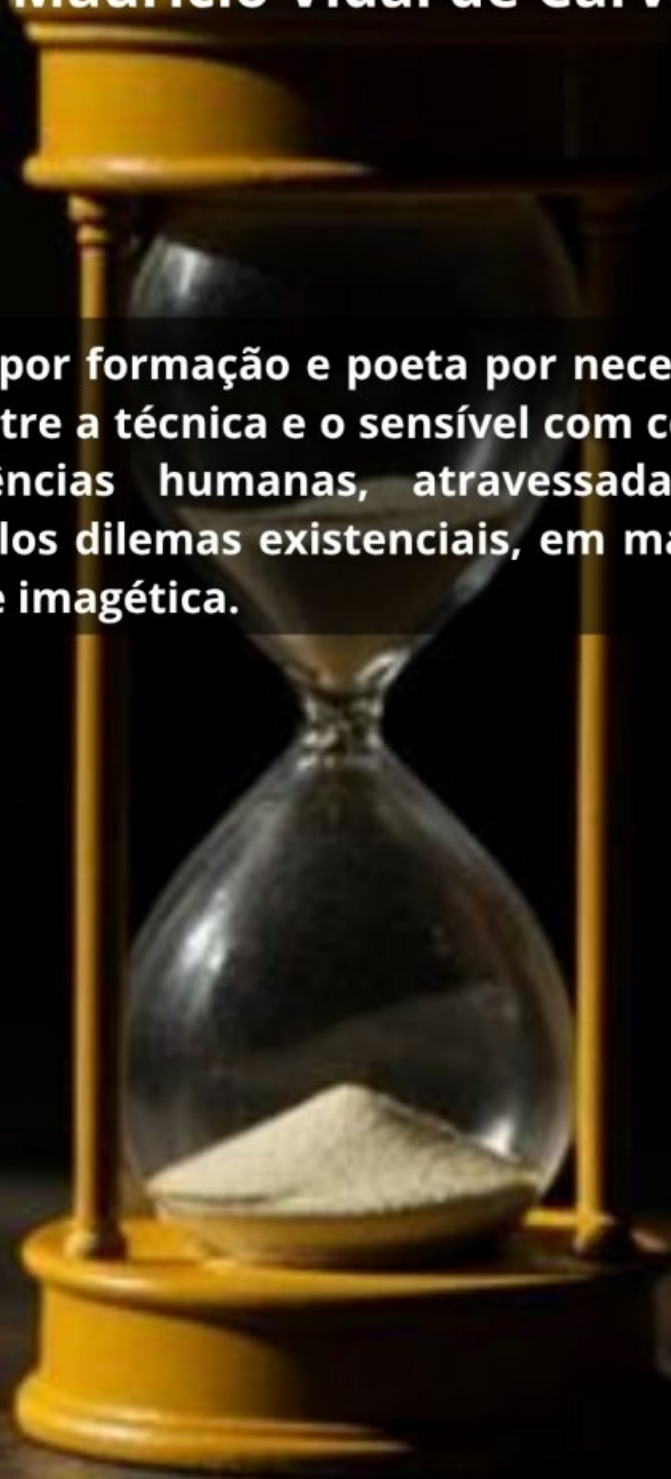


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

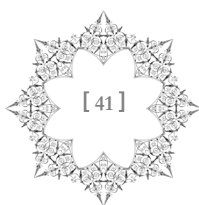
TEMPO DE VIDA

Por Mauricio Vidal de Carvalho

O autor é médico por formação e poeta por necessidade expressiva. Busca transitar entre a técnica e o sensível com consciência estética, convertendo vivências humanas, atravessadas pela dor, pela desigualdade e pelos dilemas existenciais, em matéria literária com densidade crítica e imagética.



Assim que começa a vida,
Logo que a gente chora,
O tempo começa a marcar
A história que se desenrola.
Enquanto a vida, finita que é,
Se resume a uns poucos anos,
O tempo segue sem pausa,
Alheio aos nossos enganar.
Corre sereno e constante,
Como um rio silencioso,
Frio no curso que traça,
Seguro e contínuo, sem pouso.
Um dia se entende, tardio,
Que o tempo é o bem mais precioso,
E nada, nem ouro, pode comprar
Um instante a mais para aproveitar
Dentro do pouco que resta,
Vigia o que ainda te cabe:
Há um saldo oculto nos dias
Que o viver consome e não sabe.
O tempo é moeda invisível
Que o uso dissipa sem alarde:
Quando se nota a perda,
Já é sempre muito tarde.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CONTAGEM REGRESSIVA

Por Mayara Brunner

Potiguar, formada em Empreendedorismo Digital, casada com o português Armando Pereira e morando atualmente em Portugal. Já atuou em grandes universidades do Brasil e multinacionais. Hoje trabalha prestando serviço para empresas do ramo da educação digital, tornando mais acessível conhecimento de qualidade à sociedade. Descobriu na poesia o despertar reflexivo, um refúgio para os sentimentos mais profundos e a oportunidade para se expressar.

Que sentido a vida tem,
Se ela do tempo nos faz de refém?
Falando sério, o que mais me irrita
É esta ampulheta de areia finita

Às vezes almejo um futuro para mim
Mas quando me lembro que tudo tem fim
Desisto dos planos e deixo para lá
Será que compensa tanto esforço para alcançar?

O tempo passa, leva todo o vigor
Vão-se os prazeres e só resta a dor
Esvaem-se as cores, transformam-se em cinza
Até a aura mais branda se torna ranzinza

Não tem sentido, reflito, enfim!
Cultivamos a vida tal qual um jardim
Quando a sua flor mais bela está
Sem mais demora começa a murchar

Qual o sentido? Diga!
Qual o sentido da vida?
De que adianta viver sobre a “terra mais garrida”
Se debaixo dela um dia irão nos enterrar?

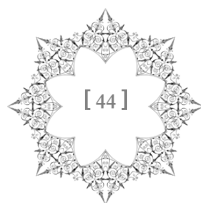
Sigo neste dilema
Mas não achei nenhuma pista
Um dia a mais ou um dia a menos?
Depende do ponto de vista

Portanto, aprendas com o teu passado
Deixe todo o orgulho de lado

Ao seu presente dê mais valor

Não adianta ficar ressentido
Por mais que procures, não acharás sentido
Aprecie o momento e sinta o sabor

Já que não vale a pena discutir
Então te aconselho apenas curtir
Momentos felizes repletos de amor!

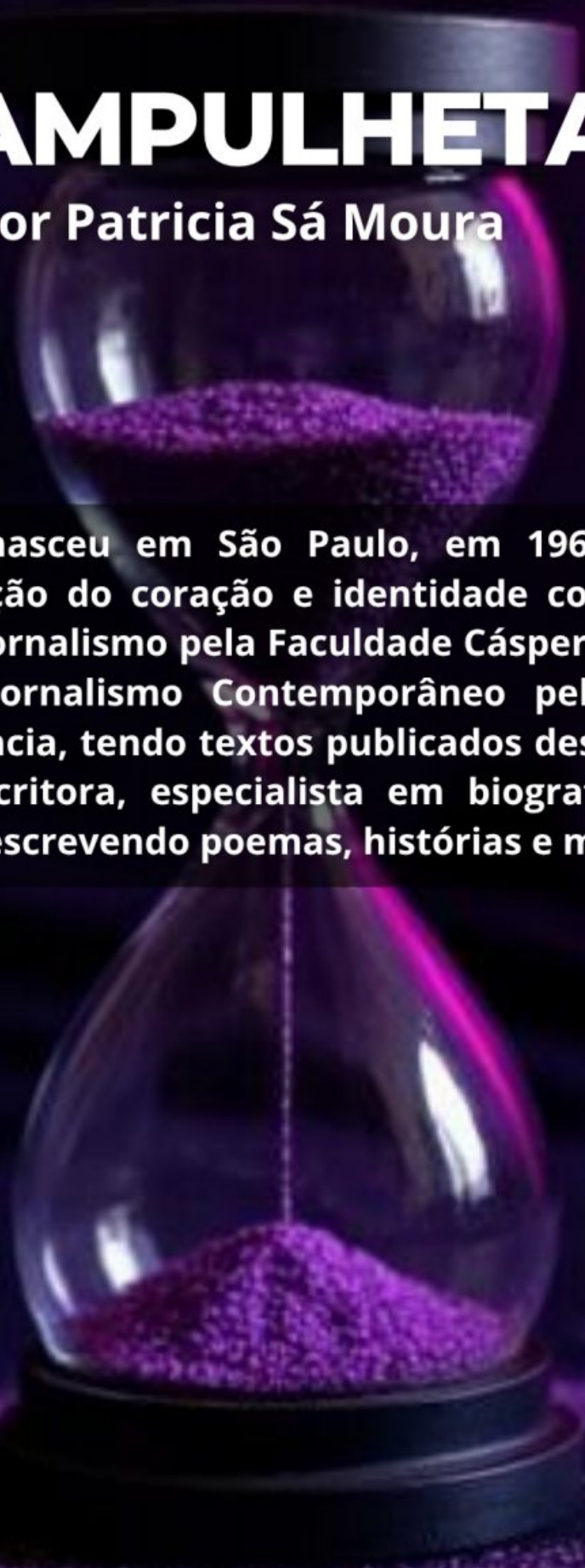


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

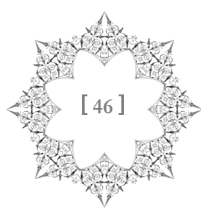
A AMPULHETA

Por Patricia Sá Moura

Patricia Sá Moura nasceu em São Paulo, em 1968, e mora em Salvador/BA, por opção do coração e identidade com a capital da Bahia. Formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero/SP, com pós-graduação em Jornalismo Contemporâneo pela Unijorge/BA, escreve desde a infância, tendo textos publicados desde 1997. Desde 2008, atua como escritora, especialista em biografias, e editora. Leitora voraz, segue escrevendo poemas, histórias e memórias.



Na ampulheta do mundo, o tempo,
Senhor soberano e indiferente
vai escoando, escapando
Inexoravelmente
dia após dia
Afunila.
Depois,
aos poucos,
volta a se espalhar
num ritmo cadenciado
Fluindo leve, solto e etéreo
Até subtrair o próximo momento.

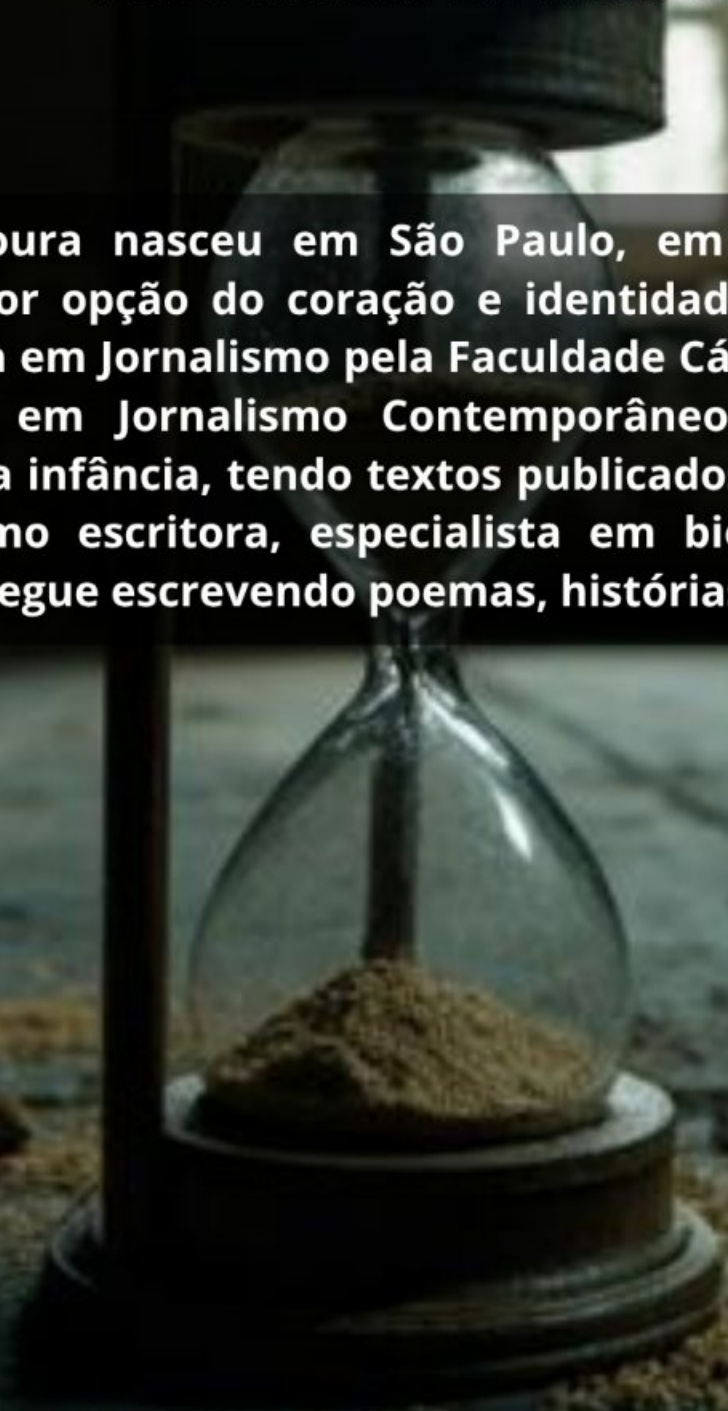


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AMPULHETA QUEBRADA

Por Patricia Sá Moura

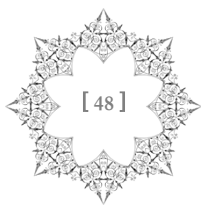
Patricia Sá Moura nasceu em São Paulo, em 1968, e mora em Salvador/BA, por opção do coração e identidade com a capital da Bahia. Formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero/SP, com pós-graduação em Jornalismo Contemporâneo pela Unijorge/BA, escreve desde a infância, tendo textos publicados desde 1997. Desde 2008, atua como escritora, especialista em biografias, e editora. Leitora voraz, segue escrevendo poemas, histórias e memórias.



O Tempo caiu das minhas mãos,
se espatifou no chão,
espalhando cacos e lembranças.

Altivo, ele ainda sussurrou:

— Sou etéreo, fugidio e leve! Não tente me prender!
Vou escapar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

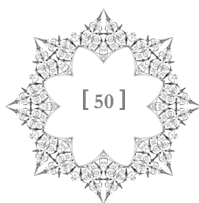
A VIDA E O TEMPO

Por Raquel Xavier da Rocha

Mulher gaúcha, neta, filha, esposa, mãe, avó e professora!
Ama ler e escrever, desde criança a escrita e a leitura sempre foram
suas companhias favoritas, escutavam e falavam com ela com muito
carinho e compreensão. Ama a literatura! Ler é viver!



Quem não tem medo do tempo?
Falar do tempo é como falar da vida!
Será que também temos medo da vida?
Medo do tempo?
Medo da vida?
Apenas vemos o tempo passar?
Vemos a vida passar!
Ou deixamos o tempo passar?
Deixamos a vida passar!
Passa tudo tão rápido que nem sentimos o tempo mudar...
A vida acaba que passa por nossos dedos e não conseguimos segurar!
O tempo que já passou não podemos mudar,
a vida que se foi, não podemos ressuscitar...
Isso dá medo!!
Medo de não conseguir parar o tempo,
Medo de não conseguir viver a vida!
O tempo mede a vida, a vida mede o tempo!
O tempo é tão precioso que vale a pena viver intensamente cada momento!
Seja um tempo bom ou um tempo ruim , não importa, o segredo é viver o tempo!
Se for um tempo perdido, vamos resgatar e tornar vivido!
O segredo é que ninguém pode pegar o tempo, parar o tempo
Mas o que todos podemos fazer é viver intensamente o nosso tempo!!

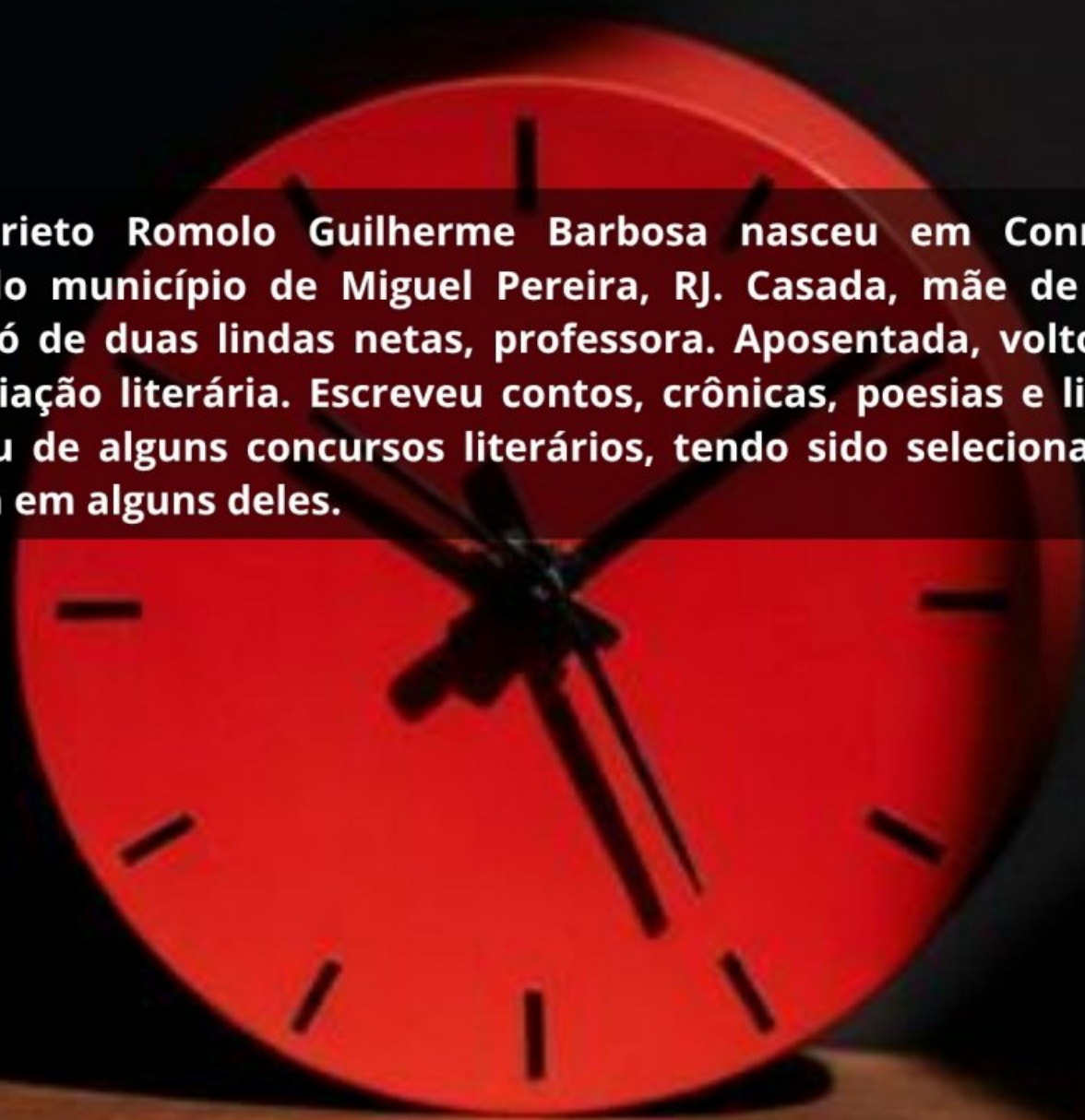


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

50 ANOS

Por Regina Prieto

Regina Prieto Romolo Guilherme Barbosa nasceu em Conrado, distrito do município de Miguel Pereira, RJ. Casada, mãe de dois filhos, avó de duas lindas netas, professora. Aposentada, voltou-se para a criação literária. Escreveu contos, crônicas, poesias e livros. Participou de alguns concursos literários, tendo sido selecionada e agraciada em alguns deles.



O tempo! Para a ciência, uma grandeza física e, para a filosofia, um tempo profundo, qualitativo, relacionado à evolução da alma. Um grande mestre que nos ensina a manifestar a força latente.

Nos meus 50 anos, me fiz a seguinte pergunta:

50 anos... E agora?

A juventude acabou... Foi-se embora?

Ou apenas se transformou por ora?

A serenidade chega e aflora?

A tranquilidade vem sem demora?

A sabedoria chegou... Agora?

Ou foi se instalando hora a hora?

Nasceu a experiência como a aurora?

E o ocaso da vida corrobora?

Apenas ver a vida passar lá fora?

Ou novos anelos brotarem como a flora?

Diferentes, novas e vívidas atitudes

em que tudo se modifica e melhora?

Então, percebi:

A vida ainda reluz como incandescente tora!

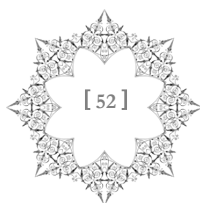
E tudo continua a se transmutar como outrora!

E os sentimentos, suaves borboletas,

ainda levam sonhos e quimeras vida afora!

E agora?... 50 anos? Não importa!

Pois tudo ainda esplende e comemora!



A P R E S E N T A M O S

POEMA PARA UMA AMIGA PRECIOSA

Por Sellma Luanny

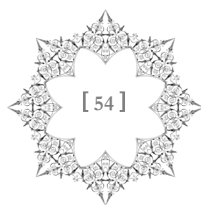
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Feche os olhos docemente.
Aspire paz
e beba o frescor da noite
como se fora o cálice
da mais desejada bebida.

Entregue-se à imensidão
misteriosa e doce
dos sonhos bons.
Confidencie com os anjos
que vierem ao seu chamado.

Durma bem
e acorde para um dia
que você almeje
mais que todos os outros,
os quais já são seus
por total merecimento.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CANÇÃO PARA ELZA

Por Sellma Luanny

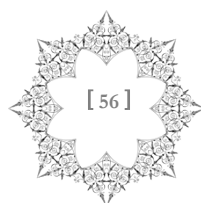
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Nascera uma ninfa
em um jardim misterioso.
Uma donzela trabalhada em
puro enigma, desabrochou.
Seus pensamentos navegam
em mar longínquo, inatingíveis.
E habitam lugares só
a ela, revelados.

As flores são suas semelhantes.
Dela copiaram a beleza
e emprestaram o perfume.
E ela compusera-se em arte bela.
Transmutado em mágico brilho,
por seu majestoso pincelar,
encantara a todos
com esmerado talento.

Quisera saber um mínimo
dos seus desejos,
dos seus íntimos recessos e impressões.
Mas do seu reino,
estamos todos muito aquém.
Do seu domínio
é rainha plena.
Dos vulgares humanos,
voa distante, muito além.

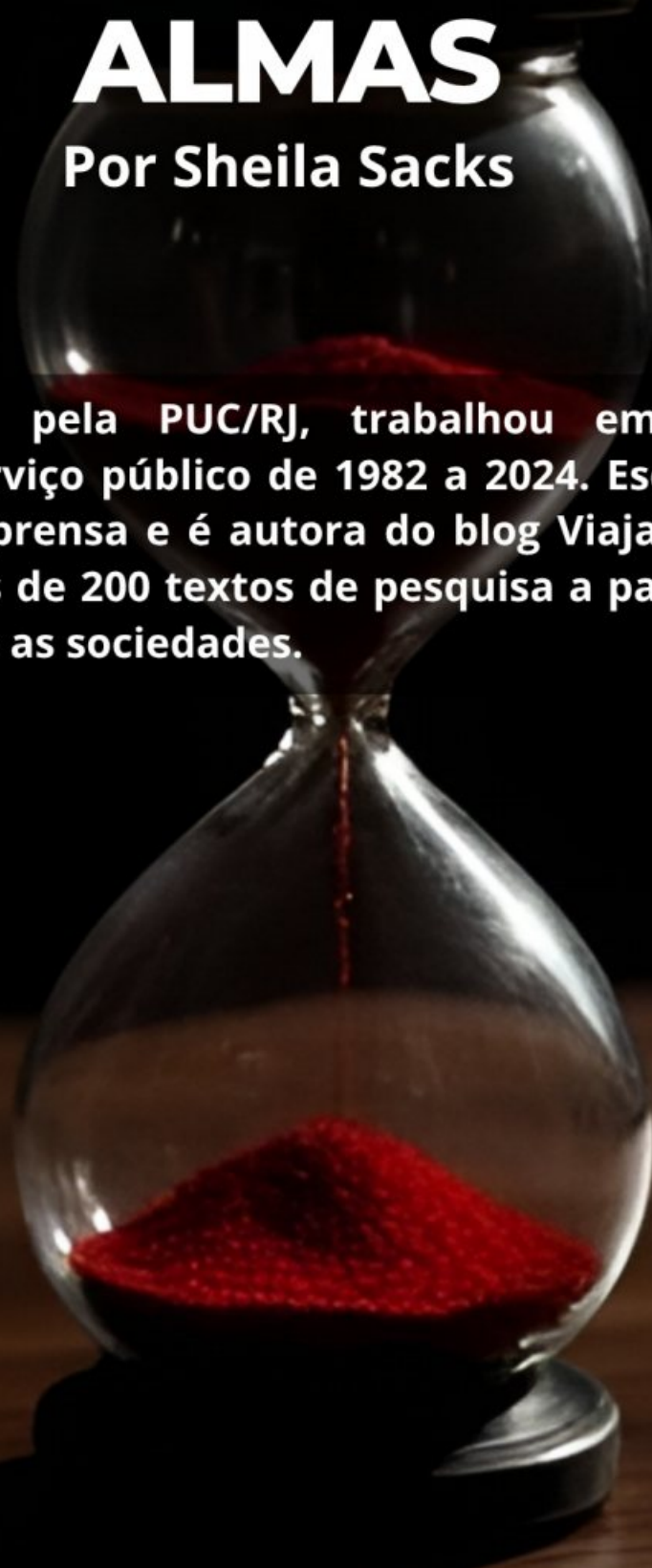


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O NAVEGANTE DAS ALMAS

Por Sheila Sacks

Jornalista formada pela PUC/RJ, trabalhou em Assessoria de Comunicação no serviço público de 1982 a 2024. Escreve para o site Observatório da Imprensa e é autora do blog Viajantes do Tempo - Voyagers!, com mais de 200 textos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades.



Quem é o anjo que me ampara?
Em que tempo ou galáxia mantém-se como pilar,
coluna do mundo.

Sobre os seus ombros recaem os pecados
incontáveis,
das gerações insensatas.
—Tempestades de fogo!

Sobre a sua face escorrem tormentas,
indagações,
a agonia dos seres fugazes.
—Tempestades de sal!

Deixe-me romper os mares
e me cingir aos seus pesares,
estar ao seu lado em meio aos trovões
e trovoadas.

Meu justo, meu anjo audaz,
dê-me um dízimo que seja
do fardo a mim reservado.

Tu guardas calado o som da tempestade,
vela sentinela a cabeceira do vulcão.
Mas são seus o desespero e a dor
dos que se debatem nas águas revoltas
das causas perdidas,
incomensuráveis.

Seus também o braço e o regaço
dos que se lançam oceano afora,

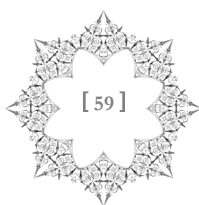
à conquista dos mistérios e tesouros
do imponderável.

Velas ao vento,
veleiros ao sabor da tempestade,
o navegante das almas navega,
mil anos em um,
o lado oculto dos mares.

Ah, meu anjo, meu justo!
Faça-me tocar o véu da madrugada,
irromper de patins, algodão doce nas mãos,
a avenida estrelada de sua pousada.

Vou cobrir a cabeça
e repetir em cadência
a mais antiga das preces.
No templo dourado,
além das dores do tempo,
o que tem mais valor senão meus salmos,
cânticos e rezas.
Ditos imemoriais!

Vou me chegar qual criança acanhada
cheia de dedos e medos,
os quais ao primeiro afago,
se desfazem.
Junto ao meu justo será como voltar à infância,
à casa dos pais.
Aninhado, acarinhado,
bem-aventurado,
estarei enfim são e salvo,
— Aleluia!
Dos dragões das tempestades.

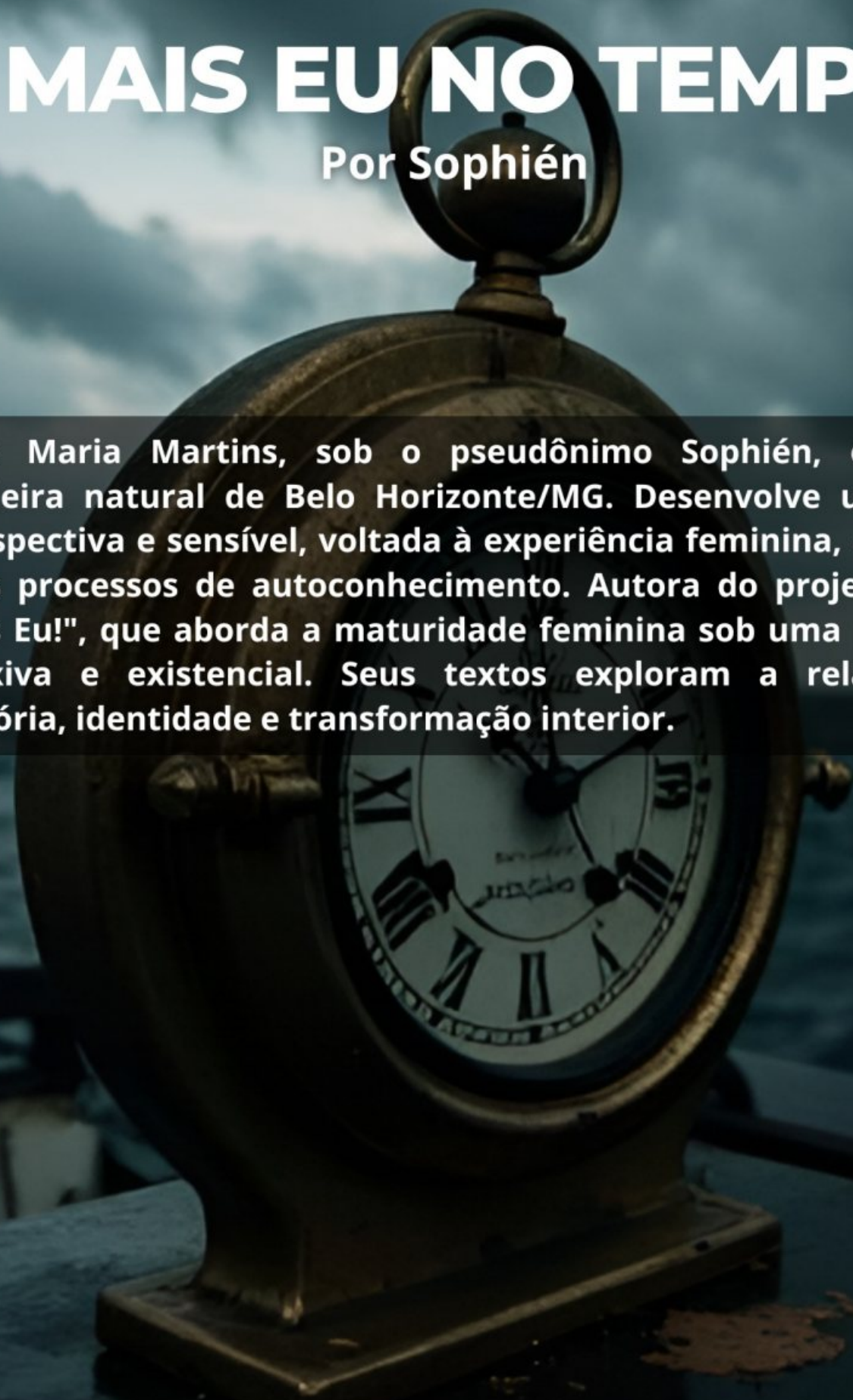


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MAIS EU NO TEMPO

Por Sophién

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophién, é escritora brasileira natural de Belo Horizonte/MG. Desenvolve uma escrita introspectiva e sensível, voltada à experiência feminina, às emoções e aos processos de autoconhecimento. Autora do projeto literário "Mais Eu!", que aborda a maturidade feminina sob uma perspectiva reflexiva e existencial. Seus textos exploram a relação entre memória, identidade e transformação interior.



Não foi o tempo que me mudou.

Foi o que eu fiz com ele.

Houve dias
em que ele me atravessava
como vento em casa aberta —
levando tudo,
sem que eu soubesse fechar portas.

Houve anos
em que vivi em suspenso,
habitante de um futuro
que nunca chegava.

Esperando.

Sempre esperando.

O momento certo.
A palavra certa.
O amor certo.

Como se o tempo
fosse um lugar de chegada.

Mas o tempo não chega.

Ele chama.

E por muito tempo
eu não atendi.

Deixei que ele passasse por mim
como passam as estações
por quem não olha pela janela.

Até que um dia —
sem anúncio,
sem espetáculo —
eu fiquei.

Fiquei em mim.

E, pela primeira vez,
o tempo não era fora.

Era dentro.

Não era medida.
Era presença.

Não era perda.
Era escolha.

E tudo o que eu fui —
a que amou demais,
a que silenciou,
a que suportou,
a que se esqueceu —

se reuniu.

Não como peso.
Mas como caminho.

O tempo, então,
deixou de ser inimigo
e se fez aliado.

Já não corro.

Já não persigo.

Eu habito.

Porque aprendi
que viver
não é atravessar os dias —

é deixar que eles
me revelem.

E, no que o tempo levou,
não perdi.

Lapidei.

E, no que ficou,
não restou.

Floresceu.

Hoje,
não peço mais tempo.

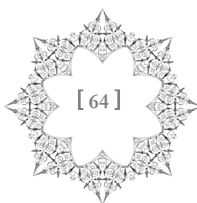
Eu me dou.

Inteira,
presente,
irrevogável.

Porque, enfim,
o tempo não me levou da vida.

Ele me devolveu

a mim.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O TEMPO EM MIM

Por Sophién

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophién, é escritora brasileira natural de Belo Horizonte/MG. Desenvolve uma escrita introspectiva e sensível, voltada à experiência feminina, às emoções e aos processos de autoconhecimento. Autora do projeto literário "Mais Eu!", que aborda a maturidade feminina sob uma perspectiva reflexiva e existencial. Seus textos exploram a relação entre memória, identidade e transformação interior.

O tempo não passou —
foi ficando.

Instalou-se nos cantos do corpo,
nos silêncios que aprendi a não explicar,
na pausa entre o que fui
e o que decidi ser.

Houve um tempo
em que eu cabia nas expectativas,
nas promessas feitas em voz baixa,
nos papéis que me vestiam
melhor do que a minha própria pele.

Mas o tempo —
esse artesão invisível —
foi desfazendo costuras.

Sem pressa.
Sem alarde.

Foi soltando os fios
das ilusões herdadas,
dos medos repetidos,
das versões que não me representavam.

E doeu.

Doeu como doem as verdades tardias,
como doem os despertares
que não pedem licença.

Mas também...
houve um outro tempo.

Um tempo de dentro.

Onde a lucidez chegou sem gritar,
onde a raiva já não era incêndio,
mas brasa que iluminava caminhos.

Foi ali
que o tempo deixou de ser perda
e se fez presença.

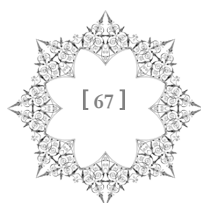
Hoje,
não conto mais o tempo em anos —
mas em consciência.

Porque o tempo, enfim,
não me levou de mim.

Ele me trouxe.

E, no que restou
— que é tudo —
sou, pela primeira vez,

inteira.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O DIA EM QUE O TEMPO MUDOU DE DIREÇÃO

Por Sophién

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophién, é escritora brasileira natural de Belo Horizonte/MG. Desenvolve uma escrita introspectiva e sensível, voltada à experiência feminina, às emoções e aos processos de autoconhecimento. Autora do projeto literário "Mais Eu!", que aborda a maturidade feminina sob uma perspectiva reflexiva e existencial. Seus textos exploram a relação entre memória, identidade e transformação interior.

Houve um dia
em que o tempo não seguiu.

Parou.

Não no relógio —
mas em mim.

Tudo continuava:
as horas,
as vozes,
as obrigações.

Mas algo
silenciosamente
se rompeu.

Era o tempo da espera.

Da tolerância.

Da crença
de que suportar
era amar.

E, sem aviso,
eu vi.

Sem grito.
Sem cena.

Apenas vi.

Que havia vivido
em um tempo que não era meu.

Que havia adiado a mim mesma
em nome de permanências vazias.

Que havia chamado de amor
o que era ausência.

E então...
o tempo virou.

Não para trás.
Não para frente.

Para dentro.

E, naquele instante,
tudo o que parecia fim
era, na verdade,

origem.

Não foi coragem.

Foi lucidez.

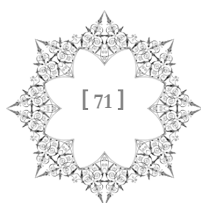
E a lucidez
não pede permissão.

Ela apenas chega —

e muda o curso de tudo.

Desde então,
não sigo mais o tempo.

Eu escolho
em qual tempo viver.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NO TEMPO

Por Tarcísio Pádua

Tarcísio Pádua reside em Sobradinho-DF. Natural de Triunfo-PE. Poeta e Jornalista. Autor do livro "Caminhar", com 230 poemas, lançado em 2018 em Brasília.



Agora é tempo
De Eurípedes,
Mas já foi tempo
Só de teoria.

Agora é tempo
De Wanderley,
Mas já foi tempo
Só de lelei.

Agora é tempo
De Pedro Lacerda,
Mas já foi tempo
Só de pedrinho.

Agora é tempo .
De José Humberto,
Mas já foi tempo
Só de zé gordo.

Agora é tempo
De Francisco Carlos,
Mas já foi tempo
Só de carlinhos.

Agora é tempo
De Walter Motta,
Mas já foi tempo
Só de gauchinho.

Em verdade,
Acho que nem é mais tempo...

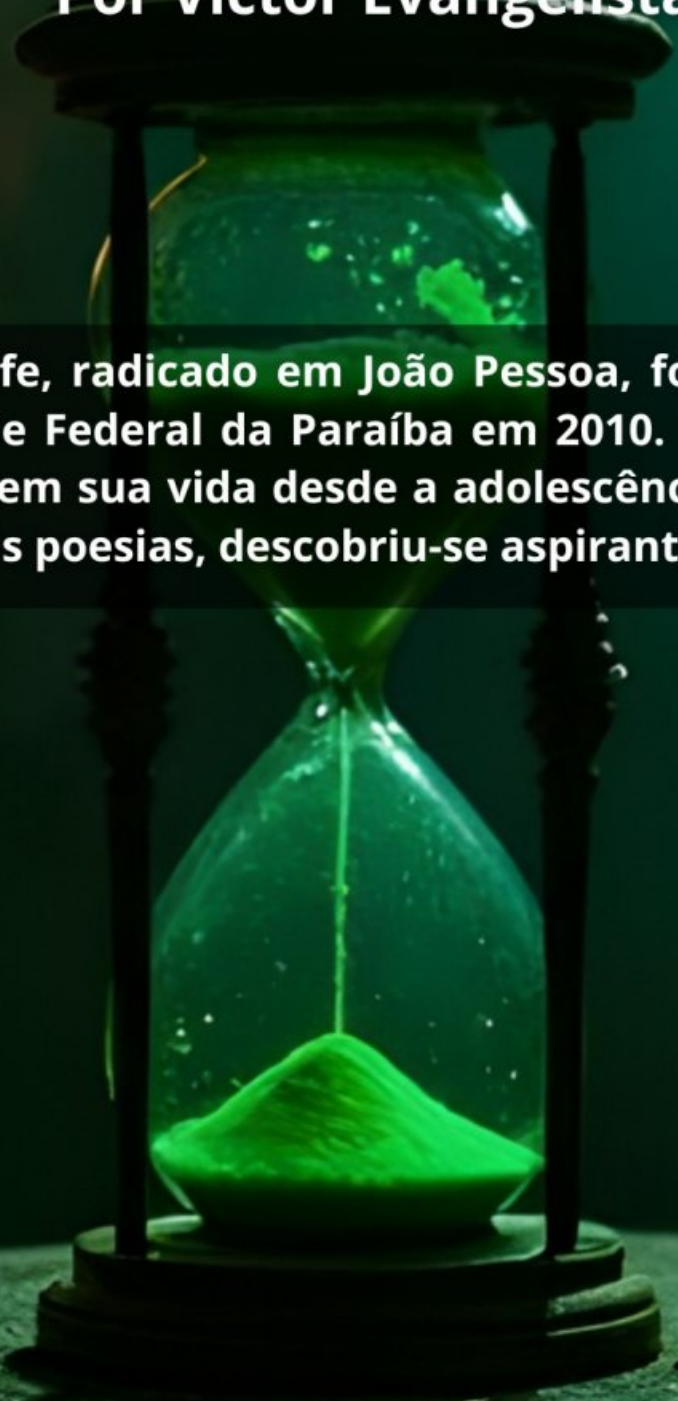


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MEU TEMPO

Por Víctor Evangelista

Nascido em Recife, radicado em João Pessoa, formou-se em Direito pela Universidade Federal da Paraíba em 2010. O gosto pela escrita esteve presente em sua vida desde a adolescência. Depois de longos anos dedicados às poesias, descobriu-se aspirante a cronista.



Por quanto tempo é sensato persistir?
Por quanto tempo? Só se vive uma vez!
Por quanto tempo é pra ficar só aqui?
Por quanto tempo, Deus?! Digam-me, vocês!

O Meu Tempo não é o do relógio.
Esse Meu Tempo quem marca é o coração.
É ele quem diz se já deu Meu Tempo;
Se ainda deu Meu Tempo não!

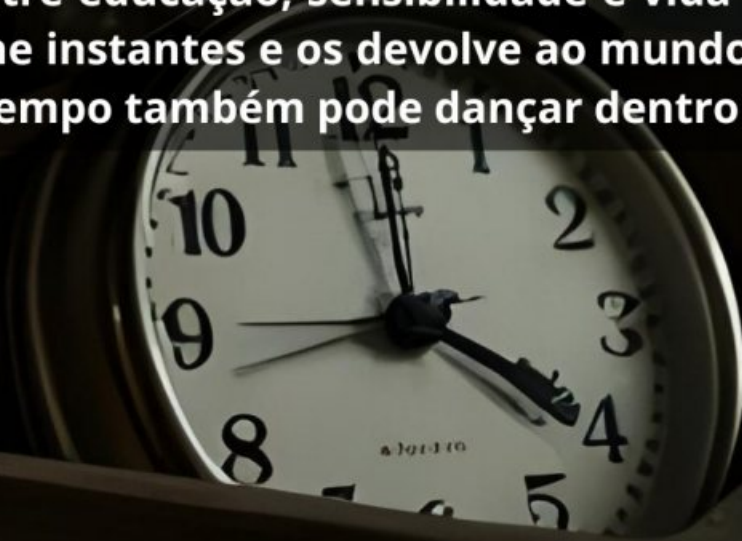


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O MENINO QUE NÃO CABIA

Por Zél Moraes

Zél Moraes é professora do Ensino Fundamental I e escritora. Estudou Psicologia, Pedagogia e Psicopedagogia pela UEM e é especialista em Gênero e Diversidade na Educação pela UFPR, além de Autismo e Educação Especial. Na sala de aula e na escrita, cultiva a escuta do cotidiano e das pulsações humanas. Sua poesia nasce do encontro entre educação, sensibilidade e vida comum. Escreve como quem recolhe instantes e os devolve ao mundo em forma de palavra. Para ela, o tempo também pode dançar dentro das frases.

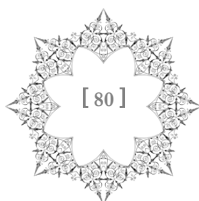


O ano era 1977.
Quase meio século depois,
a memória ainda abre a gaveta
como quem diz:
foi ontem.
Porque o tempo
não obedece ao relógio
quando mora dentro da gente.
Ele escorre,
dobra,
volta.
O tempo não se conta,
o tempo se sente.
Ele tinha cinco anos.
Barriga saliente pela enxurrada da vida.
Pobre, descuidado e mesmo assim vivaz,
cheio de um desassossego
grande demais para o corpo pequeno.
Pulava quando pediam silêncio.
Falava quando exigiam ordem.
Existia demais.
E existir demais
dava surra.
Surra por pular.
Surra por falar.
Surra por mexer.
Surra por gritar.
Surra por não caber.
Antes do ECA,
antes dos nomes,
antes dos direitos,
educava-se à pancada

o que não se sabia compreender.
Ele morava na própria cabeça.
E ninguém quis entrar ali.
Com cinco anos foi para a escola.
Não por estar pronto,
mas porque era assim.
Família grande,
pouco dinheiro,
crianças em lote.
Vai um, vão três,
vão todos.
Entraram juntos:
um de sete,
outro de nove.
Outros aprenderam.
Ele não.
As letras não ficavam.
Os números escorriam.
O caderno era vazio,
como se a inteligência
tivesse endereço errado.
Naquele tempo
não havia laudos.
Não havia siglas.
Para ele não existiam psicopedagogos,
terapeutas, neurologistas, psicólogos,
nem medicina que o acudisse.
O comportamento não era estudado,
era castigado.
Não se engavetava em diagnóstico,
empurrava-se para o silêncio.
E ele sofria.
Por ser o mais novo.

Por não aprender.
Por ser alvo.
Sofria por ser pobre,
por ser diferente.
Bullying sem nome,
dor sem legenda.
Aprendeu cedo
que defesa vinha no corpo.
Provocou, apanhou.
Provocou, revidou.
Pequeno no tamanho,
grande na determinação.
Há quem diga,
que aprender é natural.
Mas não é.
Aprender é encontro.
E quando não há encontro,
a criança vira erro,
ou estatística de evasão.
Mas ele
não era para isso.
Deu suas voltas,
seus giros de redemoinho.
Mostrou ao tempo
que era ele, o tempo,
quem estava parado.
E a si mesmo
que é preciso soprar,
desmoronar,
reformular,
contornar.
De norte a sul
não é preciso se encaixar.

Aprender não é padronizar.
Talvez ele não fosse demais.
Talvez o mundo fosse de menos.
E o tempo,
ah, o tempo quantificador,
esse mesmo tempo sem medida
demorou anos
para aprender isso.
E eu, professora,
posso apenas dizer:
o mundo ainda não aprendeu.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI